

# **Características dos Gestores, Conduta de Gestão e Cenários de Previsão para a Mortalidade das MPEs: Um Estudo de Caso**

**Maria Valdivia Barbosa Moura** (UESPI) - celinaeco@yahoo.com.br

**Ronaldo de Albuquerque e Arraes** (UFC) - ronald@ufc.br

**Francisca Zilania Mariano** (UFC) - ainaliz@yahoo.com.br

## **Resumo:**

*Este estudo pretende apresentar o perfil do empreendedor e quantificar os fatores determinantes da mortalidade das micro e pequenas empresas (MPEs), cuja taxa média anual brasileira é acima de 50%. Além desse foco a pesquisa procura resgatar o histórico das ações empreendedoras e das políticas de incentivo ao empreendedorismo de pequeno porte, no Brasil e em outros países. Uma vez que esse segmento é de real importância para o país, haja vista contribuir sobremaneira para geração de emprego e renda com participação de 20% no PIB nacional, e conseqüentemente na redução da desigualdade social, um trabalho que se propõe a analisar as causas da elevada taxa de mortalidade se identifica como relevante. Para atingir o objetivo foi desenvolvida uma pesquisa de campo, através de uma amostra representativa junto aos sócios principais ou proprietários de empresas ativas e extintas constituídas no período de 2001 a 2005 na cidade de Picos/PI. Foram coletadas informações sobre as características das empresas como também sobre os perfis dos sócios e, uma vez tabulados foram confrontados com os dados consolidados de uma pesquisa do SEBRAE/2005 para a cidade de São Paulo, as quais mostraram conformidade, exceto quanto a variável nível de escolaridade. Através de um modelo de escolha binária foram construídos vários cenários de previsão, variando de situações extremamente otimistas às pessimistas quanto às características das empresas e perfis dos sócios, de onde foram estimadas probabilidades para uma empresa representativa vir a ser extinta. A justeza do modelo se deu de forma estatisticamente satisfatória, vez que as previsões dos cenários pessimistas e otimistas revelaram probabilidades de 99% e 1%, respectivamente, para ocorrência de insucesso de uma empresa implantada.*

**Palavras-chave:** *MPEs, Gestão, Previsão de Insucesso, Empreendedorismo, Piauí.*

**Área temática:** *Gestão de Custos para Micros, Pequenas e Médias Empresas*

## **Características dos Gestores, Conduta de Gestão e Cenários de Previsão para a Mortalidade das MPEs: Um Estudo de Caso**

### **Resumo**

Este estudo pretende apresentar o perfil do empreendedor e quantificar os fatores determinantes da mortalidade das micro e pequenas empresas (MPEs), cuja taxa média anual brasileira é acima de 50%. Além desse foco a pesquisa procura resgatar o histórico das ações empreendedoras e das políticas de incentivo ao empreendedorismo de pequeno porte, no Brasil e em outros países. Uma vez que esse segmento é de real importância para o país, haja vista contribuir sobremaneira para geração de emprego e renda com participação de 20% no PIB nacional, e consequentemente na redução da desigualdade social, um trabalho que se propõe a analisar as causas da elevada taxa de mortalidade se identifica como relevante. Para atingir o objetivo foi desenvolvida uma pesquisa de campo, através de uma amostra representativa junto aos sócios principais ou proprietários de empresas ativas e extintas constituídas no período de 2001 a 2005 na cidade de Picos/PI. Foram coletadas informações sobre as características das empresas como também sobre os perfis dos sócios e, uma vez tabulados foram confrontados com os dados consolidados de uma pesquisa do SEBRAE/2005 para a cidade de São Paulo, as quais mostraram conformidade, exceto quanto a variável nível de escolaridade. Através de um modelo de escolha binária foram construídos vários cenários de previsão, variando de situações extremamente otimistas às pessimistas quanto às características das empresas e perfis dos sócios, de onde foram estimadas probabilidades para uma empresa representativa vir a ser extinta. A justeza do modelo se deu de forma estatisticamente satisfatória, vez que as previsões dos cenários pessimistas e otimistas revelaram probabilidades de 99% e 1%, respectivamente, para ocorrência de insucesso de uma empresa implantada.

Palavras-chave: MPEs, Gestão, Previsão de Insucesso, Empreendedorismo, Piauí.

Área Temática: 12. Gestão de Custos para Micros, Pequenas e Médias Empresas

### **1. Introdução**

Há consenso na sociedade brasileira que o maior objetivo do país seja a redução da pobreza. A expansão do contingente de pequenos negócios reside uma alternativa factível para a melhoria da qualidade de vida da população através da geração de emprego e renda contribuindo para a redução da desigualdade social. São nestas atividades que 40 milhões desses brasileiros sobrevivendo na informalidade encontram alternativas de gerar riqueza de forma transparente para o país.

No Brasil, atualmente existem 4,6 milhões de empresas, das quais 99% são micro e pequenas empresas (MPEs). Os pequenos negócios formais e informais, respondem por mais de dois terços das ocupações do setor privado de acordo com dados do IBGE – 2005, conforme mostra (TACHIZAWA, 2006). Se a grande maioria dessas iniciativas tivesse condições de prosperar, ou ainda, se os pequenos tomadores de empréstimos, mesmo

subsidiados, tivessem condições de gerenciar seus pequenos negócios e permanecessem no sistema, o problema do desemprego estaria praticamente solucionado. Porém, esse segmento enfrenta um grave problema, o das altas taxas de mortalidade desses empreendimentos, principalmente nos seus primeiros anos de existência.

O fechamento prematuro de empresas causa prejuízos para a sociedade, pois elimina postos de trabalho, interrompe o fluxo de produção, há perda de recursos investidos e, no plano pessoal, há frustração das expectativas depositadas no sonho de ter o próprio negócio, foi o que constatou pesquisa realizada pelo SEBRAE-SP (2005).

Apesar de existir um aparato legal e administrativo-gerencial destinado a dar tratamento especial às micro e pequenas empresas, e dos esforços do Governo em promover uma política de apoio e fomento a essas unidades produtivas, restam imensos desafios a serem superados para que esse segmento empresarial se fortaleça.

Diante da importância das MPEs para a sociedade brasileira e das suas altas taxas de mortalidade, buscou-se pesquisar o problema através de um estudo de caso, no município de Picos/PI, no período de 2001 a 2005, tendo como objetivo conhecer os fatores que indicam a chance de ocorrer o sucesso ou insucesso das MPEs e qual perfil do empreendedor e das MPEs diante de cenários alternativos de gestão.

Ao especificar os objetivos procurou-se a partir de resultados a nível nacional fornecidos por uma pesquisa feita pelo SEBRAE (2005), buscar reforçar ou contrapor certos fatores considerados determinantes para o fechamento dessas empresas, tendo por base dados primários obtidos em pesquisa de campo; mostrar o efeito desses fatores sobre a probabilidade de extinção das micro e pequenas empresas, através de cenários econométricos; e apresentar sugestões que contribua para minimizar a mortalidade de novos empreendimentos, ampliando sua expectativa de permanência no mercado.

Faz-se necessário enaltecer que a maioria dos trabalhos que tratam com os pequenos negócios se concentra em avaliar o micro crédito, tanto do lado da oferta quanto da demanda. À exceção de dados consolidados do SEBRAE acerca de sobrevivência das microempresas, raros são os trabalhos, caso existam, dedicados a investigar essa questão a partir de dados primários. Nesse sentido, acredita-se que a contribuição desta pesquisa no preenchimento dessa lacuna enriqueça e forneça subsídios mais precisos para nortear políticas para o setor.

## **2. Suporte Teórico**

### **2.1 O Papel dos Pequenos Negócios**

Desde o início da revolução industrial até o fim dos anos 1970, as grandes empresas eram destacadas como principal componente da economia. Já as pequenas empresas eram vistas como unidades que produziam em uma escala ineficiente, tendo como consequência uma baixa produtividade e que se refletiam nos reduzidos salários para os seus trabalhadores. A partir do início dos anos 1980 e, mais recentemente, com o avanço das empresas do setor de informática, a visão no mundo a respeito da importância das MPMEs (micro, pequenas e médias empresas) começou a mudar, com o surgimento de evidências empíricas, haja vista que em diversos países a *performance* das pequenas empresas estava superando a das grandes firmas, de acordo com Puga (2002).

A importância das MPMEs parece estar ligado à chamada “mudança no paradigma tecnológico”, que prioriza as inovações. Assim, Audretsch (1999) indica que as novas e pequenas empresas atuam como agentes de mudanças, apenas não replicam puramente o comportamento das grandes. Em diversos setores, as pequenas empresas têm gerado um volume maior de informações do que as grandes e têm se mostrado bastante flexíveis para se adaptarem às mudanças tecnológicas

As primeiras iniciativas para incrementar o empreendedorismo no Brasil apresentaram seus primeiros resultados na década de 1990, através da criação de programas e eventos, a existência de instituições de apoio, o crescimento substancial das incubadoras.

## 2.2. Fragilidade dos Pequenos Empreendimentos

Se em duas décadas, de 1985 a 2005, foram abertas quase nove milhões de empresas, segundo dados do Departamento Nacional de Registro de Comércio- DNRC, neste período dos 20 anos, 1.465.501 empreendimentos deram baixa nas Juntas Comerciais brasileiras, sendo que na maioria (60,8%) era de firmas individuais. Este número parece pequeno se comparado com o montante de empresas constituídas no mesmo período. Porém, esses dados não refletem a realidade, uma vez que ainda é pequeno o número de empresas que, ao fecharem as portas, formalizam suas baixas nas Juntas Comerciais. A maior parte dos negócios frustrados simplesmente desaparece do mercado, desta forma as estatísticas deixam de ser alimentadas.

No estado do Piauí de acordo com os dados fornecidos pelo Departamento Nacional do Registro do Comércio - DNRC e pela Junta Comercial do Estado do Piauí – JUCEPI, é possível visualizar entre o período de 2000 a 2006, o número das empresas constituídas e extintas no Estado, como também no Brasil, conforme a Tabela 1.

Tabela 1 – Empresas Constituídas e Extintas no Estado do Piauí e do Brasil, em Número Absoluto – 2000 a 2006

<b>Empresas</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>
<b>Ativas</b>							
Piauí	3.216	3.562	2.886	3.193	3.014	3.934	3.124
Brasil	460.602	490.911	445.151	472.213	460.980	490.542	467.046
<b>Extintas</b>							
Piauí	825	552	748	465	640	817	873
Brasil	99.966	82.084	136.733	122.814	132.483	119.526	119.446

Fonte: Juntas Comerciais

A exigência de padrão de qualidade, é um fator que dificulta a sobrevivência dos pequenos negócios, que nem sempre é aperfeiçoado. O preço por esta fragilidade é muito alto, especialmente em setores muito competitivos, onde é comum assistir o fracasso de novos empreendimentos, principalmente por falta da qualificação técnica.

Heleno(2007), aponta que em pesquisa recente realizada em 2006 pelo *Global Entrepreneurship Monitor* – GEM, apresentou opiniões de especialistas e de empresários brasileiros sobre os principais fatores de inibição e estímulo da atividade empreendedora no País. Quanto aos fatores que inibem o empreendedorismo no Brasil, 70% das citações feitas pelos especialistas ouvidos pelo GEM, encontram-se em três condições: políticas governamentais, elevada tributação e o excesso de burocracia; apoio financeiro, a dificuldades de acesso a crédito e políticas de juros altos; e educação e treinamento, por não explorar o tema do empreendedorismo no ensino formal.

O Brasil tem a maior taxa de juros real do mundo, praticamente o dobro da mais alta, foi o que afirmou Néri e Barboza (2005). Além disso, o Brasil tem uma das menores relações crédito sobre o PIB – Produto Interno Bruto dos países em desenvolvimento.

Políticas governamentais, escassez de dinheiro do cliente e do próprio empreendedor e o acesso à infra-estrutura física, ou seja, a dificuldade de se escolher um ponto comercial, são fatores limitantes ao empreendedorismo.

Ainda se observa que muitos negócios novos entram em decadência, devido, em muitos casos, o empreendedor querer controlar pessoalmente cada aspecto do negócio (BATEMAN, 1998)..

Parte dos empreendedores, ao justificar ocupação, frequentemente falham ao utilizar sistemas de planejamento e controle, pois acreditam que o planejamento seria uma perda de tempo e dinheiro.

Concluem-se dos resultados das pesquisas apresentadas sobre o assunto que as causas da alta mortalidade das empresas no Brasil estão fortemente relacionadas, em primeiro lugar, com as falhas gerenciais. Estas por sua vez podem estar associadas à falta de planejamento na abertura do negócio, levando o empresário a não avaliar de forma correta, previamente, dados importantes para o sucesso do empreendimento.

### **2.3 Incentivos para Microempresa e Empresa de Pequeno Porte**

O Brasil continuava, em 2005, sendo considerado entre as nações onde mais se criam negócios. O país se situa na sétima colocação entre os participantes do *Global Entrepreneurship Monitor- GEM*, organização que mede as taxas de empreendedorismo mundial. Nesse período registrou uma taxa de empreendedores iniciais de 11,3%. Com uma taxa de 10,1%, o Brasil ocupa a 5ª posição neste ranking considerado os empreendedores estabelecidos, o que sugere um crescimento dessa taxa desde 2002. Vale lembrar que a maioria desses negócios no Brasil é consideravelmente madura – aproximadamente 60% deles possuíam entre 10 e 15 anos, em 2005.

Quanto às condições favoráveis para se praticar atividades empreendedoras no Brasil a pesquisa revelou que em torno de 60% das opiniões dadas pelos especialistas consideram quatro fatores: ambiente econômico, especialmente o problema do desemprego; programas governamentais na esfera municipal, estadual e federal que oferecem programas de apoio ao empreendedorismo; normas culturais e sociais, a sociedade brasileira tem uma postura positiva em relação ao empreendedorismo; capacidade empreendedora, o brasileiro é bastante motivado, embora não tenha o domínio de técnicas gerenciais, foi o que evidenciou Heleno (2007).

No campo das políticas públicas, a realidade enfrentada pelo segmento é crítica. Isso porque não existe uma relação equilibrada entre a micro e a pequena empresa e as grandes empresas, o que se reflete na competitividade do setor. A situação atinge, principalmente, aquelas empresas que estão diretamente expostas à competição desleal e predatória das empresas que operam na informalidade, sendo que a maioria não tem fluxo econômico suficiente para suportar o peso da carga tributária e o custo burocrático da formalização.

A Constituição Federal assegura entre os princípios da ordem econômica, o “tratamento favorecido para as empresas de pequeno porte constituídas sob as leis brasileiras e que tenham sua sede e administração no País” (art. 170, IX). Além disso, determina que “A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios dispensarão às microempresas e às empresas de pequeno porte, assim definidas em lei, tratamento jurídico diferenciado, visando a incentivá-la pela simplificação de suas obrigações administrativas, tributárias, previdenciárias e creditícias, ou pela eliminação ou redução destas por meio de lei” (art. 179).

Destaca-se ainda o Programa de Recuperação Fiscal (REFIS), instituído pela Lei nº. 9.964, de 10 de abril de 2000, visa o refinanciamento de débitos tributários e contempla condições favorecidas para micro e pequenas empresas, além do Estatuto da Microempresa e da empresa de Pequeno Porte (Lei nº. 9.841, de 5.10.1999) – que dispõe sobre o tratamento jurídico diferenciado previsto nos arts. 170 e 179 da Constituição Federal.

O SEBRAE e o BNDES destacam-se nas atuações de fomento às atividades no campo administrativo-gerencial das MPes. O SEBRAE atua na execução do planejamento,

coordenação e orientação de programas técnicos, projetos e atividades de apoio às MPes (AMARO E PAIVA 2002).

Em 1990 foi criado o Programa de Geração de Emprego e Renda – PROGER -, coordenado pelo Ministério do Trabalho e Emprego, que conta com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador – FAT. Também foi criado em 1999 o Programa Brasil Empreendedor.

Do ponto de vista institucional, também foram registrados avanços no segmento das MPes, que passou a ver o associativismo como um elemento de fortalecimento e um eficiente canal de interlocução junto aos governos e instituições. No âmbito legal, destaca-se a Lei Geral da Micro e Pequena Empresa – Lei Complementar 123/06, com a designação de Estatuto Nacional de Microempresa e Empresa de Pequeno Porte, traduzida como uma política de desenvolvimento sustentável que envolve União, Estados, Distrito Federal e Municípios. O objetivo da nova lei é buscar promover a competitividade, reduzir a informalidade e incentivar à inovação tecnológica, para trazer benefícios para toda a sociedade. Tendo menos burocracia e mais oportunidades.

Outro incentivo fundamental para as MPes é o acesso ao crédito, Pinheiro e Moura (2001), aborda que no Brasil, o mercado de crédito às MPes, apresenta além das restrições de recursos, problemas de informações assimétricas que dificulta a concessão de financiamentos.

O crédito em si não gera oportunidades, mas viabiliza a realização de oportunidades de negócios já existentes, e sendo eficiente, apóia o crescimento da produtividade da economia, como evidencia a experiência do CrediAMIGO.

Conforme Néri e Barbosa (2005), o CrediAMIGO é uma experiência praticada no Brasil, através do Banco do Nordeste e, por ser o maior programa de crédito produtivo popular no Brasil, oferta mais microcrédito do que todos os outros programas nacionais juntos. Permite o acesso dos produtores pobres ao crédito, graças à metodologia de aval solidário, em que três a dez microempresários formam um grupo que se responsabiliza pelo pagamento integral do empréstimo. A falta de capacidade do empreendedor de baixa renda de oferecer garantias e colaterais físicos, que o impede de tomar crédito convencionalmente, é compensada por esse compromisso coletivo.

## **2.4 Empreendedorismo e o Perfil Empreendedor**

### **2.4.1 Empreendedorismo**

Tanto em grandes quanto em pequenas empresas, muitas oportunidades estão disponíveis para aqueles que desenvolvem uma importante habilidade: a capacidade empreendedora que leva a formar uma nova organização de valor (HISRIC, 1994).

Empreendedores geram novas idéias e as transformam em empreendimentos (BATEMAN, 1998). Porém, a capacidade empreendedora frequentemente é mal interpretada.

As micro e pequenas empresas possuem características que propiciam o potencial empreendedor. Elas têm grande importância para o país. Contribuem com grande volume de renda nacional e oferecem condições excepcionais à medida que conseguem gerar novos empregos, criar ou implementar inovações (SCHUMPETER, 1978).

Mesmo sendo disperso esses pequenos e microempreendedores têm força e possuem características importantes para se adaptarem num tempo de intensas mudanças, inicialmente porque eles não perdem tempo, instalam-se rapidamente e começam a faturar logo, resolvendo os problemas que aparecem da maneira mais ágil possível. Tem necessidade de faturamento imediato, na maioria das vezes o empresário/empreendedor abre seu pequeno negócio investindo um mínimo de capital e conseguindo colocar seus produtos ou serviços no mercado em tempo bem menor do que os grandes empreendimentos. O resultado é que elas

se tornam empresas bem mais flexíveis, com maior capacidade de se adaptarem, com maior facilidade, às circunstâncias. O que melhor pode ilustrar a força dos pequenos, no Brasil, é sua capacidade de superar as dificuldades.

A viabilidade de uma idéia de negócio não é tanto função de setor em que a empresa está contida, mas sim das capacitações e dos desejos do empreendedor e da qualidade da oportunidade. Para Bateman (1998), dentro das capacitações incluem a competência técnica, competência em negócios, os contatos que possam favorecer o negócio, capital, tempo e comprometimento e que comprometimento e determinação, liderança, obsessão por oportunidades, tolerância ao risco, ambigüidade e incerteza, criatividade, autoconfiança e habilidade de adaptação e motivação para a excelência, são características que devem estar presente nos empreendedores.

#### **2.4.2 O perfil empreendedor**

Segundo Schumpeter (2001) o empreendedor é aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos e materiais. Já McClelland (1961) define o empreendedor como alguém que controla uma produção não apenas para si, mas para os outros. O autor menciona que algumas pessoas, mesmo não tendo montado um negócio, têm perfil empreendedor, porque não temem em correr riscos, têm alta necessidade de realização social e motivação para gastarem energia no que executam. Para o autor a associação entre a necessidade de realização e o êxito das características comportamentais é de muita importância para o crescimento econômico das pessoas. Por outro lado, enquanto Bateman (1998) define a capacidade empreendedora como uma ação para formar novas organizações, para Longenercker, Moore e Petty (1998) são três as características básicas que identificam o espírito empreendedor, a saber: necessidade de realização, disposição para assumir riscos e autoconfiança.

De modo geral o empreendedor é aquele que identifica oportunidades, tem visão de futuro, tem coragem de assumir riscos, tem iniciativa e criatividade, sente paixão pelo que faz e aceita a possibilidade de fracasso.

Os fatores que diferencia o empreendedor de sucesso do administrador comum é o constante planejamento a partir de uma visão de futuro. O processo empreendedor envolve todas as funções, atividades e ações associadas com a criação de novos empreendimentos, porque é um processo de criação de algo novo, de valor, requer devoção e comprometimento de tempo e o esforço necessário para fazer a empresa crescer, requer ousadia, necessita-se que assumam riscos calculados, que tomem decisões críticas e que não se desanime com as falhas e erros (DORNELAS, 2001).

### **3. Metodologia**

#### **3.1. Definição da Amostra**

A pesquisa foi desenvolvida com base numa amostra de MPEs dos setores comercial, industrial e de serviço escolhida aleatoriamente de uma população 382 micro e pequenas empresas constituídas no período de 2001 a 2005, dos cadastros empresariais da Confederação Nacional dos Municípios (CNM) que constava 1.497 empresas na cidade de Picos/PI. A amostra foi composta de 129 empresas, sendo 82 ativas e 27 extintas, nas quais se aplicou um mesmo questionário, com o intuito de compará-las e identificar os fatores que levam as empresas a obterem sucesso e/ou insucessos nos primeiros anos de sua existência.

Foi elaborado um modelo econométrico para identificar e quantificar conjuntamente os principais fatores determinantes que levam uma empresa a obter insucesso durante os

primeiros anos de sua existência. As especificações econométricas serão do tipo discretas probabilísticas, através de um modelo binário, aqui escolhida a hipótese Probit.. Assim sendo, a especificação geral assumirá a seguinte forma:

$$Y_i = \beta' X_i + \varepsilon_i \quad (1)$$

Onde  $Y_i$  é a variável binária e  $X_i$  um vetor de variáveis de controle,

Probabilidade de ocorrência de sucesso da variável binária:

$$P(y = 1 / x_0) = G(\beta' X_0) \quad (2)$$

Onde,  $G(.)$  é função cumulativa de distribuição normal padrão, cujo valor é ditado no ponto de escolha dos valores das variáveis, respostas  $X_0$ .

Quadro 1: Variáveis utilizadas no modelo

Variável Dependente	Descrição
Y	Dummy que assume valor 1 se a empresa foi extinta e 0 caso contrário
<b>Variáveis Controles</b>	
$X_1$	Quantidade de empregados sem ser familiares
$X_2$	<i>Dummy</i> que assume valor 1 se a empresa possui sócios e 0 caso contrário
$X_3$	<i>Dummy</i> que assume valor 1 se a empresa possui no mínimo 6 meses de planejamento e 0 caso contrário
$X_4$	Indica valor 1 se o proprietário possui conhecimento sobre a empresa e 0 caso contrário.
$X_5$	Indica valor 1 se o proprietário admite ter experiência e 0 caso contrário.
$X_6$	<i>Dummy</i> que assume valor 1 se o proprietário é casado e 0 caso contrário.
$X_7$	<i>Dummy</i> que assume valor 1 se o proprietário possui menos de 25 anos e 0 caso contrário
$X_8$	<i>Dummy</i> que assume valor 1 se o proprietário tem escolaridade além do 2º grau e 0 caso contrário
$X_9$	<i>Dummy</i> que assume valor 1 se a empresa possui familiares trabalhando na empresa e 0 caso contrário
$X_{10}$	Indica valor 1 se a origem do capital é próprio ou pelo menos maior parte e 0 caso contrário.
$X_{11}$	<i>Dummy</i> que assume valor 1 se o proprietário é do sexo masculino e 0 caso contrário.
$X_{12}$	Indica valor 1 se o motivo da abertura foi oportunidade e 0 caso contrário.
$X_{13}$	Indica valor 1 se a mão de obra utilizada é ótima e 0 caso contrário.
$X_{14}$	Indica valor 1 se a empresa recebeu ajuda profissional e 0 caso contrário.

A partir deste modelo, vários cenários serão realizados tendo por base pré-fixações das variáveis de controle. Com base neste modelo permite-se estabelecer expectativas quanto aos efeitos das variáveis sobre o fenômeno a ser explicado, ou seja, probabilidade de a empresa vir a ser extinta.

Inicialmente, espera-se que quanto maior o número de empregados, maior seja a produção e com tendência a maiores lucros da empresa, diminuindo a probabilidade de extinção da mesma.

A variável sócios é outro fator explicado de extrema importância. Se a empresa possuir sócios, há a expectativa de que menor será a probabilidade dessas empresas falirem ou desativarem, já que se pressupõe que com aumento da capacidade de gerenciamento estas irão trazer maiores investimentos para a empresa, similarmente, espera-se que empresas que projetaram suas aberturas com no mínimo seis meses tenham menos chances de obterem insucessos, bem como quanto ao fator conhecimento, pois, espera-se que os dirigentes das empresas que conheçam o volume, o capital de giro e os custos das empresas, a probabilidade dessas empresas desativarem suas atividades seja menor, juntamente com o fator experiência, que mostra se o proprietário possuía ou não experiência no ramo de atividade a qual a empresa se enquadra, então se supõe que a empresa a qual o proprietário já tinha conhecimento sobre o ramo tenha menos chance de chegar a falência.

Com relação a variável idade, que indica se o proprietário tem menos de vinte e cinco anos de idade, espera-se que este não tenha muita experiência e não tenha muita maturidade para administrar uma empresa, então a probabilidade dessas empresas falirem tende a ser maior.

Referente à variável que indica o nível de escolaridade do empreendedor, supõe-se que a empresa venha a ter uma probabilidade menor de falir, quanto maior o nível de escolaridade, maior a capacidade de gerenciamento da empresa, principalmente se o aprendizado ocorrer na área de negócios ou afins.

Já a variável que indica se as empresas possuem empregados familiares, há uma expectativa de elevada confiança no ambiente de trabalho, por conseguinte, menor será a chance da empresa vir a sair do mercado. Outro raciocínio semelhante é com relação a variável que mostra se a origem do capital é próprio ou pelo menos a maior parte, ou seja, espera-se maior empenho e racionalidade econômica nas tomadas de decisões, gerando menor expectativa para a extinção da empresa.

Como a maioria das microempresas é administrada por homens, espera-se que se a empresa falir seu proprietário seja do sexo masculino, pode-se usar a mesma análise para a variável que indica se o dirigente é casado.

Com relação as variáveis denotadas por motivo da abertura, se foi por oportunidade ou necessidade, qualificação da mão de obra utilizada e se recebeu ajuda de um profissional, há a expectativa de que se uma empresa possuir estas características menor será sua chance de encerrar as atividades.

#### **4. Análise dos Resultados**

O SEBRAE-SP a cada dois anos desenvolve uma pesquisa sobre a mortalidade das empresas paulistas para observar as taxas de mortalidades e as razões de fechamento prematuro das empresas. Nesse trabalho o órgão buscou apresentar as características e o perfil do empreendedor que mais contribui para a sobrevivência da mesma.

A pesquisa partiu de uma amostra específica de empresas que são clientes do SEBRAE-SP, a qual foi constituída por 2.650 empresas sorteadas a partir do universo registradas no cadastro de pessoas jurídicas do SEBRAE-SP, no período de 1999 a 2003, e que tenham feito uso de pelo menos um produto oferecido pela instituição.

Com base nesta pesquisa, o presente trabalho procurou focar as informações sobre a estrutura do segmento empresarial da micro e pequena empresa da cidade de Picos/PI visando a identificação dos fatores causais para a mortalidade dessas empresas.

A amostra das empresas pesquisadas foi composta no período de 2001 a 2005, per fazendo um total de 82 ativas e 27 extintas. Comparando as duas pesquisas realizadas observa-se pontos em comum e contrapontos, cujas características e perfis dos empreendedores estão contemplados na tabela A1 em anexo.

#### 4.1 Resultados das Equações Estimadas

Observa-se que algumas variáveis expostas no modelo (1), familiares, sexo do empresário, estado civil, capital, abertura, ajuda profissional e mão-de-obra, não foram estatisticamente significantes. Isso significa que as respostas fornecidas pelas empresas ativas e pelas empresas extintas foram bastante semelhantes com relação a estas variáveis, ou seja, não são fatores determinantes para a extinção das empresas.

Os coeficientes das variáveis que constam no modelo (2) expostos na tabela A2 em anexo, variaram suas significâncias de 0,03% a 6,8%. As variáveis sócios, conhecimento, idade, outros, experiência e planejamento apresentaram os sinais de acordo com o esperado, exceto aquela que representa o nível de escolaridade, a qual embora significativa, mostrou o efeito positivo sobre a chance de uma empresa vir a ser extinta, o que contestaria a expectativa.

De acordo com a pesquisa realizada pelo SEBRAE (2005), o nível de escolaridade é um importante fator que determina a probabilidade de não extinção da empresa; mostra que quanto maior o nível de escolaridade, menor a chance de essas empresas falirem ou serem extintas. Mas, neste trabalho, de acordo com a amostra, se um indivíduo possui no mínimo o superior incompleto, há um aumento na probabilidade de extinção da empresa. Uma explicação plausível para este acontecimento seria que estes indivíduos não tinham uma formação acadêmica na área de administração ou de gestão de empresas, mas sim, em outras áreas não relacionadas ao setor empresarial.

Apesar de aparentemente contraditório, existe dentro da literatura econômica trabalhos que apresentaram resultados semelhantes, Silveira (2005) procurou identificar as características pessoais e ocupacionais do tomador de microcrédito do Centro de Apoio aos Pequenos Empreendedores de Pernambuco CEAPE e apresentou um resultado que apresenta maiores renda para níveis educacionais mais baixos. Já Silva (2007) analisou o perfil dos tomadores de microcrédito através de uma amostra extraída nos estados de Pernambuco, Bahia e Ceará e apresentou que o estudo não foi contundente em atestar a influência do nível de escolaridade na decisão do tomador potencial por microcrédito.

Para mostrar os efeitos das variáveis do modelo (2), fez-se necessário a utilização de cenários que mostram as previsões de probabilidades para uma microempresa vir a encerrar suas atividades, tal como expostos na tabela 2 abaixo. Vale ressaltar que em cada cenário será estipulado o valor 1 ou 0 para as *dummies* e o valor atribuído para as variáveis contínuas, no caso a média da quantidade de outros empregados, da coluna correspondente, e na última linha específica o valor da probabilidade encontrada.

Pressupõe-se, inicialmente um cenário (1) tido como otimista em termos de expectativa de sobrevivência, constituído de características sócio-econômico-financeiras que favoreçam a permanência de uma empresa no mercado. Tal vetor de características foi: que a microempresa tenha sócios, tenha uma média de aproximadamente 4 empregados, um planejamento de pelo menos 6 meses, que o proprietário conheça as características da empresa, tenha uma idade maior que 25 anos, um nível de escolaridade abaixo do 2º grau, já que essas duas últimas mostraram impacto positivo sobre a probabilidade de extinção das

empresas, teve experiência anterior. Então, possuindo estas características a probabilidade da empresa vir a encerrar suas atividades é aproximadamente 1%, o que é um resultado bastante plausível.

Tabela 2 – Cenários sobre a Probabilidade de Ocorrência de Sucesso

Variáveis	Cenários						
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)
Sócios	1	1	1	1	0	0	0
Conhecimento	1	1	0	1	1	0	0
Idade	0	1	1	1	1	1	1
Outros Empregados	3,83	3,83	3,83	3,83	3,83	3,83	3,83
Escolaridade	0	1	1	1	1	1	1
Experiência	1	1	1	0	1	1	0
Planejamento	1	0	1	1	1	1	0
$Prob(Y_i = 1)$	0,01	0,18	0,31	0,42	0,72	0,95	0,99

Fonte: Elaboração própria

Para o cenário (2), supõe-se que uma empresa possua as mesmas características do cenário anterior, exceto a idade, que agora seria um proprietário com menos de 25 anos. A escolaridade, representada por um indivíduo com no mínimo o superior incompleto e o planejamento, onde agora a empresa irá possuir um planejamento de até 6 meses. Observa-se que a probabilidade de extinção da empresa aumenta para 18%, indicando que a inatividade do dirigente da empresa é uma característica relevante para a manutenção desta.

Os cenários (3), (4) e (5) mostram as mesmas características do cenário 2, variando apenas quanto a variável planejamento, conhecimento, experiência e sócios. Se compararmos estes cenários, verificaremos que a variável sócio foi a que apresentou maior efeito sobre a probabilidade da empresa sair do mercado, chegando a 72%.

Com relação aos cenários 6 e 7, tido como pessimistas, as probabilidades foram de 95% e 99%, respectivamente. A diferença entre estes cenários se dá pela variável experiência e planejamento, as quais foram excluídas no último cenário, com o intuito de mostrar só os fatores que aumentam a probabilidade de extinção da empresa, ou seja, se uma empresa seguir essas características, sua extinção será tida como quase certa.

## 5. Conclusões e Recomendações

Devido a relevância das (MPEs) para o país na geração de emprego e renda, e de suas altas taxas de mortalidades, a pesquisa procurou focar os principais fatores e seus efeitos sobre a probabilidade de extinção das MPEs na cidade de Picos/PI no período de 2001 a 2005, através de cenários otimistas e pessimistas advindo de combinações desses fatores, através de dados primários obtidos em pesquisa de campo, pois é raro de se encontrar trabalhos que enfocam essa questão a partir de tais dados, ressalva aos dados consolidados pela pesquisa que o SEBRAE-SP (2005).

Para identificar os fatores condicionantes na mortalidade Para a pesquisa, optou em utilizar especificações econométricas do tipo discreta probabilística, através de um modelo binário. O qual permitiu desenvolver cenários, os quais mostram as previsões de chances para uma microempresa vir a encerrar suas atividades.

Comparando os fatores relevantes para a extinção das MPEs obtidos neste trabalho com os dados fornecidos pelo SEBRAE-SP 2005, observou-se um certo contraponto com

relação às variáveis referentes à média do número de sócios, escolaridade do proprietário e ajuda profissional para implantação da empresa. Para esta pesquisa, a média do número de sócios foi um dos principais fatores que determinam a sobrevivência de uma microempresa. Para o SEBRAE-SP a escolaridade é um fator preponderante para ditar a probabilidade de permanência da microempresa no mercado; quanto maior o nível de escolaridade do dirigente menor a chance de extinção desta, entretanto, nossos resultados mostraram o oposto, o que se encontrou foi uma relação positiva, mostrando que se o proprietário possuir uma escolaridade acima do 2º grau, maior será probabilidade da empresa encerrar suas atividades, contrário às expectativas. E com relação a variável que indica se o proprietário procurou acessória para a implantação da empresa, esta não foi estatisticamente significativa para a amostra em estudo, mas, nos resultados obtidos pelo SEBRAE-SP, esta seria um dos fatores que contribuiriam para determinar a chance de fracasso dessa microempresa, mostrando uma relação negativa sobre a probabilidade da empresa encerrar suas atividades.

Fica evidente a contribuição deste trabalho na literatura tanto por dar um tratamento científico e acadêmico a partir de dados primários, como expor novos fatores que contribuam para ditar a probabilidade de extinção das MPEs a exemplo da idade dos dirigentes, a quantidade de sócios e o número de empregados. É de fundamental importância buscar informações que levem a identificar as causas das elevadas taxas de mortalidade das empresas, já que é nos pequenos negócios que se encontra uma alternativa factível para a melhoria de vida da população, através, principalmente, da criação de novos empregos.

### **Recomendações**

Para que esse quadro possa ser melhorado, é necessário aprofundar as ações de apoio aos pequenos negócios, na direção dos pontos citados como as causas da mortalidade.

Dessa forma, recomenda-se aos “Policy Markers” direcionar políticas no setor que contemple:

- Buscar estimular o comportamento empreendedor no cidadãos, através de inovação na formação escolar.
- Estimular os que já decidiram abrir o seu próprio negócio, mas que ainda não o fizeram, a fazerem um planejamento do mesmo antes de sua abertura, iniciando com um plano de negócio.
- Entre os que já constituírem negócio, promover um esforço para capacitá-los em gestão empresarial.
- Aumentar e fortalecer os instrumentos e as políticas de apoio aos pequenos negócios, que cresça o acesso ao crédito e a ampliação de mercados, como outras reformas entre elas a reforma trabalhista.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AUDRETSCH, D. B. **Small Firms and Efficiency**. In: ACS, Z. J. (ed.). Are small firms important? Their role and impact. U.S. Small Business Administration, 1999.

AMARO, M. N.; PAIVA, S. M. C. **Situação das Micros e Pequenas Empresas**. Consultoria Legislativa, Abril, 2002.

BATEMAN, Thomas S. **Administração: construindo vantagem competitiva/** Thomas S. Bateman, Scott A. Snell; tradução Celso A. Rimoli; revisão técnica José Ernesto Lima Gonçalves, Patrícia da Cunha Tavares. – São Paulo: Atlas, 1998.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL, Leis, Decretos. Lei nº 9.841, de 05 de outubro de 1999. **Estatuto da microempresa e empresa de pequeno porte**.

BRASIL, Leis, Decretos. **Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas** (Lei Complementar 123, sancionada em 14 de Dezembro de 2006)

DORNELAS, J. C. Assis. **Empreendedorismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Empreendedorismo no Brasil – 2005**: relatório nacional. Curitiba: IBQP, 2006.

HELENO, Guido. A força dos pequenos. **Revista Brasileira de Administração**, Ano XVII n. 59, p. 47, Jul/Ago, 2006.

HISRICH, R. PETERS, M. **Entrepreneurship**: starting, developing, and managing in a new enterprise. Burr Ridge, III.: Richard D. Irwin, 1994.

LONGENECKER, Justin G., MOORE, Carlos W.; PETTY, j. William. **Administração de pequenas empresas**. São Paulo: Makron Books, 1998.

McCLELLAND, D. C. **The achieving society**. Van Nostrand: Princeton, 1961.

**MICRO e pequenas empresas comerciais e de serviços no Brasil**: 2001/IBGE, Coordenação de Serviços e Comércio. – Rio de Janeiro: IBGE, 2003. MOTTA, Paulo Roberto. **Transformação organizacional**: a teoria e a prática de inovar. n.3. Rio de Janeiro: 2000.

NÉRI, Marcelo Cortez; BARBOSA, André Luiz. Experimentando microcrédito: uma análise do impacto do Crediamigo sobre acesso a crédito. **Ensaio Econômico**. FGV, Dezembro 2005.

PINHEIRO, a.c., MOURA, A. **Segmentação e Uso de Informação nos Mercados de Crédito Brasileiros**. Texto para discussão, 88, Rio de Janeiro: BNDES, 2001.

PINHEIRO, M. **Gestão e desempenho das empresas de pequeno porte**. São Paulo: FEA-USP, 1996. (Tese de Doutorado).

PUGA, F.P. **Experiências de Apoio às Micro, Pequenas e Médias Empresas nos Estados Unidos, Itália e Taiwan**, 75, Rio de Janeiro: BNDES, 2000. (Texto para discussão)

\_\_\_\_\_. **O Apoio Financeiro às Micro, Pequenas e Médias empresas na Espanha, no Japão e no México**. Rio de Janeiro: BNDES, 2002. (Texto para discussão,96)

SCHUMPETER, J. A. **The Theory of Economic Development**. Oxford: Oxford University Press, 1978.

SEBRAE. **Fatores Condicionantes e taxa de Mortalidade de Empresas no Brasil**. Relatório de Pesquisa. Brasília: agosto 2004.

SEBRAE. **Como melhorar o acesso das Micro e Pequenas Empresas ao Crédito e Expandir o Microcrédito.** Relatório do Grupo de Trabalho de Crédito do Sebrae, 2002.

TACHIZAWA, Takeshy. O Administrador como fator inibidor da mortalidade de empresa Condicionantes na criação de negócios. **Revista Brasileira de Administração**, Ano XVI n. 52, p. 51, Março 2006.

## Anexo A

Tabela A1 – Perfil do proprietário da empresa – Picos, SP

DESCRIÇÃO	Picos		SP*	
	ATIVAS (%)	EXTINTAS (%)	ATIVAS (%)	EXTINTAS (%)
<b>SEXO MASCULINO</b>	58	44	66	57
<b>IDADE INFERIOR A 25 ANOS</b>	03	18		
<b>CASADO</b>	68	62		
<b>ESCOLARIDADE**</b>	31	40	73	63
<b>PLANEJAMENTO***</b>	51	44	7,4	5,3
<b>EXPERIÊNCIA</b>	78	33	69	60
<b>ABERTURA</b>	60	66		
<b>AJUDA PROFISSIONAL</b>	48	51	32	26
<b>MAO-DE-OBRA</b>	86	74		
<b>CONHECIMENTO</b>	91	62	74	67

Fonte: Pesquisa de campo, cálculos próprios.

Nota: (\*) SEBRAE-SP, 2005

(\*\*) O nível de escolaridade representativo para o SEBRAE foi a partir do 2º grau.

(\*\*\*) Mostra uma média de meses de planejamento

Tabela A2– Resultados das Equações Estimadas – Micro e Pequenas Empresas

Variáveis	Modelo 1		Modelo 2	
	coeficientes	p-valor	coeficientes	p-valor
C	2.370.933	0.0240	2.368524	0.0013
Socios	-2.232.348	0.0122	-2.215.729	0.0041
Conhecimento	-1.298.391	0.0111	-1.134.542	0.0128
Idade	1.366.019	0.0843	1.264.173	0.0403
Outros Empregados	-0.168172	0.0712	-0.172247	0.0304
Escolaridade	0.797788	0.0634	0.889960	0.0216
Experiência	-1.550.217	0.0006	-1.421.300	0.0003
Planejamento	-0.690994	0.1015	-0.718374	0.0685
Familiares	-0.081691	0.8571		
Sexo. Empresário	0.011236	0.9794		
Est.Civil	0.248445	0.5943		
Abertura	0.501354	0.2339		
Ajuda.Profissional	0.152525	0.6995		
Mao-De-Obra	-0.202493	0.6724		

Fonte: Elaboração Própria

Tabela A3 – Matriz de Correlação entre as Variáveis

Variáveis	Variáveis													
	SOCIOS	CONHEC.	IDADE	OUTROS	ESCOLAR.	EXPER	PLAN	FAMIL.	SEXOEMPR	ESTCIVIL	CAP	ABERT.	AJUDAPROF	MAODEOBRA
SOCIOS	1.000	-0.016	-0.065	-0.013	0.087	-0.051	0.005	-0.066	0.080	0.044	0.176	-0.090	0.093	0.057
CONHEC.	-0.016	1.000	-0.170	0.082	0.148	0.290	-0.130	-0.067	-0.083	0.074	-0.001	0.084	0.021	0.013
IDADE	-0.065	-0.170	1.000	-0.042	0.021	-0.102	0.073	0.205	0.184	-0.251	0.022	0.001	0.003	-0.159
OUTROS	-0.013	0.082	-0.042	1.000	-0.022	0.074	0.021	0.061	0.009	-0.188	-0.086	-0.093	0.098	0.077
ESCOLAR.	0.087	0.148	0.021	-0.022	1.000	0.133	-0.090	-0.143	-0.092	-0.032	-0.107	0.157	0.065	-0.046
EXPER	-0.051	0.290	-0.102	0.074	0.133	1.000	-0.045	0.048	0.189	0.170	0.124	0.180	0.033	0.055
PLAN	0.005	-0.130	0.073	0.021	-0.090	-0.045	1.000	0.101	-0.064	-0.084	-0.101	-0.102	-0.064	0.095
FAMIL.	-0.066	-0.067	0.205	0.061	-0.143	0.048	0.101	1.000	0.126	0.128	-0.086	-0.303	-0.162	-0.147
SEXOEMPR	0.080	-0.083	0.184	0.009	-0.092	0.189	-0.064	0.126	1.000	0.228	0.066	0.060	-0.101	-0.005
ESTCIVIL	0.044	0.074	-0.251	-0.188	-0.032	0.170	-0.084	0.128	0.228	1.000	-0.113	-0.062	-0.123	-0.050
CAP	0.176	-0.001	0.022	-0.086	-0.107	0.124	-0.101	-0.086	0.066	-0.113	1.000	0.234	0.085	0.079
ABERT.	-0.090	0.084	0.001	-0.093	0.157	0.180	-0.102	-0.303	0.060	-0.062	0.234	1.000	-0.064	0.114
AJUDAPROF	0.093	0.021	0.003	0.098	0.065	0.033	-0.064	-0.162	-0.101	-0.123	0.085	-0.064	1.000	-0.103
MAODEOBRA	0.057	0.013	-0.159	0.077	-0.046	0.055	0.095	-0.147	-0.005	-0.050	0.079	0.114	-0.103	1.000

Fonte: Cálculos próprios.